

FACULDADES DOCTUM DE SERRA

LARISSA OLIVEIRA HERINGER

**PRÁTICA, COTIDIANO ESCOLAR E CURRÍCULO: OS DESAFIOS DA
TRANSIÇÃO ENTRE OS ANOS INICIAIS E OS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**Serra
2018**

LARISSA OLIVEIRA HERINGER

**PRÁTICA, COTIDIANO ESCOLAR E CURRÍCULO: OS DESAFIOS DA
TRANSIÇÃO ENTRE OS ANOS INICIAS E OS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vasti Gonçalves de Paula

**Serra
2018**

LARISSA OLIVEIRA HERINGER

**PRÁTICA, COTIDIANO ESCOLAR E CURRÍCULO: OS DESAFIOS DA
TRANSIÇÃO ENTRE OS ANOS INICIAIS E OS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Artigo Científico apresentado à Faculdades Doctum de Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em: pela banca composta pelos professores:

ORIENTADORA

VERÔNICA DEVENS

LUCIANA GALDINO

PRÁTICA, COTIDIANO ESCOLAR E CURRÍCULO: OS DESAFIOS DA TRANSIÇÃO ENTRE OS ANOS INICIAIS E OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

HERINGER, Oliveira Larissa²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar se as práticas pedagógicas curriculares, desenvolvidas no contexto escolar, interferem nos processos de adaptação, implicando em êxito ou fracasso, dos estudantes em transição do 5º para o 6º ano e verificar os pontos mais marcantes relacionados ao índice de fracasso escolar nesta transição. A pesquisa é de natureza quali-quantitativa e foi realizada em duas escolas: uma da rede privada no município de Serra/ES, e uma da rede pública do município de Vitória/ES. Buscou-se ouvir os profissionais e alunos das duas escolas e traçar um paralelo entre as duas realidades observadas. Os dados da pesquisa são resultantes dos relatos coletados por meio de entrevista e através da análise de estatísticas e informações obtidas dentro dos arquivos das escolas visitadas. Os diálogos teóricos foram estabelecidos com Saviani (2006), Santos (2007), Cainelli e Oliveira (2013). O resultado do processo de observação, análise e averiguação do tema pesquisado é que, apesar de algumas estratégias adotadas para tentar amenizar os impactos da transição especialmente entre o ano 5º ano do ciclo inicial e o 6º ano do ciclo final do Ensino Fundamental, as dificuldades são grandes e perceptíveis, especialmente quanto ao estranhamento na relação professor-aluno e a organização geral da etapa de ensino ingressante.

Palavras-chave: Ensino Fundamental, Ciclo Inicial, Ciclo Final, Transição.

1 INTRODUÇÃO

A transição entre os anos que encerram o ciclo inicial do ensino fundamental e inicia o sexto ano, é um processo marcado por adaptações e mudanças profundas. Este período

¹ O presente texto corresponde ao Trabalho de Conclusão de Curso produzido como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

² Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Doctum de Serra turma 2018/2. E-mail da autora: Larissa_heringer@hotmail.com

transitório que marca o fim da infância e o início da adolescência tem resultado em fatores que complicam o sucesso do processo de ensino aprendizagem. Por meio da observação e estudo do meio, tentaremos, no presente trabalho, esclarecer pontos importantes quanto ao índice de fracasso escolar nesta transição, marcados por um número significativo de recuperações e por uma visível queda de rendimentos.

Nesse sentido, o trabalho se propõe a investigar sobre a seguinte problemática: **as práticas pedagógicas curriculares, desenvolvidas no contexto escolar, interferem nos processos de adaptação, implicando em êxito ou fracasso, dos estudantes em transição do 5º para o 6º ano?**

Nesse sentido temos como objetivos da pesquisa identificar se as práticas pedagógicas curriculares, desenvolvidas no contexto escolar, interferem nos processos de adaptação, implicando em êxito ou fracasso, dos estudantes em transição do 5º para o 6º ano e verificar os pontos mais marcantes relacionados ao índice de fracasso escolar nesta transição.

É importante salientar que são vários os fatores complicadores da ruptura no processo de ensino-aprendizagem entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Para investigar esses fatores buscaremos constatar quais são os desafios e possibilidades com essa nova etapa de ensino.

O que observamos em um primeiro momento, já com base na vivência prática ³, é que os alunos que chegam ao 6º ano possuem com o professor uma relação de grande dependência. Durante os ciclos iniciais do Ensino Fundamental, a relação professor-aluno é permeada por uma proximidade e uma relação de dependência considerável. A falta de autonomia dentro do ambiente escolar por parte do educando, dificulta o processo transitório. Neste sentido, o presente trabalho buscará investigar e redigir sobre essa temática, a partir da coleta de dados e das reflexões e discussões sobre o assunto proposto.

A pesquisa é de natureza quali-quantitativa e foi realizada em duas escolas: uma da rede privada no município de Serra/ES, e uma da rede pública do município de Vitória/ES.

³ A autora é professora da rede particular de ensino e já atua como docente em turmas de 5º e 6ºs anos.

Participaram do estudo profissionais e alunos das duas escolas no intuito de identificar e refletir sobre as convergências e divergências entre as duas realidades observadas. Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista e análise documental, buscadas nos arquivos das escolas visitadas

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ENTRE PRÁTICA, COTIDIANO E CURRÍCULO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) o ensino fundamental caracteriza-se por possuir caráter obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade e terá por objetivo a formação básica do cidadão. Dessa forma, compreende-se que o papel desta etapa de ensino é dar a formação básica pra que o aluno seja inserido frente à sociedade como um cidadão ativo e que potencialize suas capacidades para alcançar os níveis superiores de ensino. O período do Ensino Fundamental é dividido em duas etapas: os anos iniciais (1º ao 5º ano), e os anos finais (6º ao 9º ano).

As legislações brasileiras no que concernem ao período transitório e adaptativo entre os ciclos do Ensino Fundamental, sofreram algumas mudanças ao longo da história da educação brasileira. Vejamos, a partir dos documentos oficiais, o que o Estado aponta quanto a esse processo. Segundo Cainelli e Oliveira (2013, p. 5):

A relação entre os anos iniciais e os anos finais do ensino fundamental constitui-se a partir da diferenciação entre ambos desde a Lei de criação das escolas das primeiras letras, em 1827, a implantação da escola primária, em 1854 e o exame de admissão para acesso ao ginásio, nas décadas de 1930 e 1940. Somente em 1971, por força de lei, institui-se o ensino de primeiro da junção do ensino primário de ginasial e, em 1996, passou a ser denominado de ensino fundamental. Em 2004, a mais recente modificação, mas não a última: o ensino fundamental de nove anos.

Foi com a Constituição de 1988 que tivemos a base para a redação da nova LDB. Essa Lei, nº 9.394/96, alterou as leis anteriores concernentes a educação, e se tornou a única Lei normatizadora do processo de ensino, unificando-o no país. Pela LDB 9394/96, em vigência no país:

[...] Aos municípios cabe a responsabilidade pela educação infantil, assumindo também, em conjunto com o estado a que pertencem, o ensino fundamental. Aos estados a lei destinou a responsabilidade pelo ensino médio e, em conjunto com os seus municípios, pelo ensino fundamental. À união cabe coordenar e articular os sistemas exercendo funções normativas, redistributivas e supletivas em relação às outras instancias, cabe-lhe, ainda, estabelecer as diretrizes para os currículos de todos os níveis e avaliar o rendimento escolar tanto dos alunos como das instituições, abrangendo todos os níveis e todas as instancias responsáveis pelo ensino. (SAVIANI, 2006, p. 47).

Com a LDB, alterou-se também a nomenclatura do ensino de 1º e 2º graus passando a ser denominado de ensino fundamental e médio. Regulamentou-se a Educação Básica sendo esta formada Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A educação infantil ficou sobre a responsabilidade municipal. Nas escolas continuou existindo cursos distintos, em espaços distintos e “criou-se” nomenclaturas inexistentes na lei para tais etapas da escolarização: anos iniciais do ensino fundamental ou Fundamental I e Fundamental II.

Com a promulgação da LDB, o Ensino Fundamental passou a ser obrigatório em território nacional e, em conjunto com Educação Infantil e Ensino Médio, passou a vigorar no país chamando-se de Educação Básica. Entretanto, apenas em 2009 através da Emenda Constitucional nº 59/2009, a Educação Básica é legalmente ampliada e passa ser obrigatória dos 4 aos 17 anos. Conforme a Lei nº 9.394/96:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Dessa forma, o ingresso de crianças no ensino fundamental passou por um sensível crescimento a partir de 1996. Com a separação de responsabilidades administrativas de cada esfera educativa, alguns autores afirmam que o Ensino Fundamental sofreu uma fragmentação preocupante dentro da passagem das séries iniciais para as séries finais desta etapa de ensino. É o que defende Santos (2007) ao afirmar que

O processo de municipalização está provocando uma separação rígida, que não poderia haver no campo da educação pública, quanto às responsabilidades de cada esfera de governo. A responsabilidade pelo ensino fundamental não é exclusiva dos municípios, mas também do Estado e da União, na medida em que estes são, em última instância, os responsáveis pela formulação de políticas que irão se refletir nas políticas municipais. (IPARDES, 1996, p. 89 apud. SANTOS 2007).

O autor ainda afirma que essa situação cria uma segmentação dentro do próprio ensino fundamental, fazendo com que a nova estrutura dos cursos de 1º a 5º anos provocasse a exclusão dos alunos da próxima fase - 6º a 9º anos.

Devemos salientar, porém, que este não é o único obstáculo enfrentado quanto ao processo transitório entre o ciclo inicial e o ciclo final do ensino fundamental. As políticas pedagógicas e os próprios currículos escolares também se mostram ineficientes quanto aos facilitadores na mudança de etapas.

Segundo Saragoça (2011) a trajetória escolar é marcada por vários momentos de transições entre etapas que dividem a estrutura da Educação Básica e que esse processo tem influência sobre o rendimento escolar. O autor retoma a discussão sobre a importância da influência do contexto que envolve o aluno no resultado do seu desempenho, ratifica a influência das transições escolares sobre o fluxo escolar, isto é, as passagens entre os ciclos escolares e afirma que elas estão diretamente relacionadas à variação dos índices de reprovação e abandono escolar.

Pereira et al (2005), também trabalha nessa perspectiva ao dizer que

[...] a importância da escola nestes processos (de transição), evidenciando a necessidade de se procurar adaptar seus alunos da melhor maneira possível em cada etapa escolar, já que a formação de uma criança e adolescente não é somente para os bancos escolares e sim para a vida; é preciso que a instituição escolar tenha um cuidado especial com tudo aquilo que possa trazer consequências para seus alunos também fora da sala de aula. (PEREIRA, 2005, p. 27).

Devemos enfatizar que os desafios observados dentro do processo de ensino aprendizagem são permeados por fatores socioculturais que muitas vezes dependem de práticas e estratégias complexas. A dificuldade não se dá de maneira isolada, mas abrange uma série de situações que dificultam a assimilação do conteúdo e do conhecimento.

O professor, dentro do cotidiano escolar, deve estar atento a este processo. Segundo Andrade (2011):

Toda discussão no que se refere à dificuldade de aprendizagem envolvem questões sociais, econômicas e comportamentais como imaturidade, aceitação social, ansiedade, medos. Essas questões no sentido educacional causam impedimento

para a aprendizagem do aluno, destacando ansiedade e o medo que afetam em cheio os alunos do 6^a ano, pois estão na fase de mudanças. (ANDRADE, 2011, p. 19).

As mudanças no cotidiano e na rotina podem representar um desafio considerável para os alunos que vivenciam a mudança de ciclos. O aproveitamento acadêmico do educando deverá ser trabalhado para evitar falhas nessa aquisição de conhecimentos. Assim os professores do 6^o ano precisam rever a sua maneira de olhar para esses alunos que estão chegando à escola.

As relações afetivas entre os professores dos anos iniciais do ensino fundamental para com seus alunos são trabalhadas e incorporadas no processo de ensino-aprendizagem de maneira diferente de como ocorre entre os professores dos anos finais. O processo educativo se realiza quando evidenciamos um vínculo afetivo a partir do bom relacionamento baseado no respeito mútuo entre professor e aluno no desenvolvimento do processo de ensino. Os vínculos afetivos tendem a se fragilizar progressivamente na medida em que os alunos percorrem as etapas de ensino. As diferenças no relacionamento afetivo entre os professores, anteriormente apelidados de “tia” ou “tio”, enxergados como extensão das estruturas familiares, passam a ser vistos de maneira mais técnica, o que pode acarretar em um distanciamento por parte dos alunos e em obstáculo para o sucesso do processo de aprendizagem.

Na perspectiva de Freire:

[...] afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 2011, p.138).

O aspecto afetivo que o autor cita diz respeito ao trabalho do professor com o educando não significando deixar de lado o aspecto humano existente entre professor e aluno. A afetividade quando expressada de maneira séria e autêntica auxilia positivamente no desenvolvimento educacional do educando e deve fazer parte do cotidiano escolar.

Outro ponto a ser abordado entre o período de transição diz respeito ao currículo e as mudanças de postura que permeiam as questões concernentes a eles. É notório, na mudança de etapas entre os anos iniciais e os anos finais, o afastamento do mundo lúdico e aproximação de aulas cada vez mais técnicas no processo de ensino-aprendizagem. Os

alunos, nos anos iniciais, possuem atividades educativas voltadas para a ludicidade e que aproximam a criança do brincar sempre que possível. Segundo Quinteiro (2012), no período transitório, porém, há um distanciamento do lúdico e o apontamento para um ensino que evidencia a aprendizagem em detrimento do brincar:

Confirma-se, de certo modo, a “tradição” que ocorre na transição da criança da dos anos iniciais para os anos finais com relação à diminuição progressiva da atividade lúdica ou, em outras palavras, o distanciamento das brincadeiras em nome das aprendizagens dos conteúdos. (QUINTEIRO; CARVALHO, 2012, p.203).

Para promover as adaptações e mudanças em relação ao currículo e a organização do ensino para o educando, a escola e o professor devem levar o aluno a entrar em um processo de interação com a nova realidade, situando-o nas novas condições do processo de ensino sem que a ruptura seja radical e repentina. As práticas educativas devem caminhar para um ensino leve, que não rompa com o progresso que o aluno começa a realizar desde no início do ensino fundamental.

4 METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa. Na pesquisa qualitativa, adotamos o uso de entrevistas, por permitirem a coleta de indícios dos modos como cada um dos sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior do grupo estudado, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2001). Dessa forma, foi possível a investigação dos obstáculos e inconsistências gerados no processo de transição entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental nas realidades observadas.

A entrevista se deu com alunos de 6º ano de uma escola privada do município de Serra/ES e de uma escola pública do município de Vitória/ES. Além da conversa estabelecida com os alunos, foi realizada ainda uma entrevista com uma professora que atua no 5º ano do Ensino Fundamental I e no 6º ano do Ensino Fundamental II. Por meio dessas pesquisas, objetivamos conhecer e averiguar o processo de adaptação, os conflitos e as dificuldades dentro do processo de ensino-aprendizagem entre aqueles

alunos que vivenciam esse período transitório. Foi possível, dessa forma, conhecer e verificar alguns dos problemas que se impõem ao sucesso escolar durante essa fase.

Para ratificar as experiências relatadas, buscamos ainda a realização de uma pesquisa quantitativa, através do banco de dados da Prefeitura de Vitória acerca do rendimento escolar dos alunos que saíram dos anos finais do Ensino Fundamental I e ingressaram nos anos iniciais do Ensino Fundamental II. Através da coleta desses dados, foi possível observar, quanto ao processo avaliativo e aos resultados finais, de que forma os alunos foram atingidos pelo processo e transição e adaptação. Os dados observados foram as pautas individuais dos professores, com as notas parciais e finais dos alunos de ensino fundamental I e II, nos anos 2016 e 2017, em uma escola da rede pública de ensino do município de Vitória/ES.

As escolas envolvidas nessa pesquisa foram: o Colégio Aquarela⁴ da rede privada do município de Serra/ES, e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cirandinha, no município de Vitória/ES.

O Colégio Aquarela está localizado no bairro Jacaraípe, dentro de uma realidade que atende a filhos de uma população majoritariamente classe média, dentro de um contexto social de riscos quase nulos. A escola possui duas turmas de 5º ano e uma turma de 6º ano, possui salas climatizadas e infraestrutura adequada e muito satisfatória para o processo de ensino-aprendizagem. A entrevista nessa escola foi realizada com oito alunos do 6º ano, que responderam alguns questionamentos quanto as mudanças vivenciadas com a mudança de ciclos. Também nessa escola foi entrevistada a professora Celia⁵, professora do 5º ano do Ensino Fundamental I e do 6º ano do Ensino Fundamental II. Nessa escola, os ciclos iniciais funcionam exclusivamente em horário vespertino, enquanto os ciclos finais funcionam exclusivamente em horário matutino. A troca de horários também foi um dos obstáculos observados no processo de adaptação dos alunos, como será observado adiante.

⁴ O nome real das escolas foi protegido seguindo um código de ética para pesquisas acadêmicas.

⁵ Nome fictício.

Já na EMEF Cirandinha, a entrevista foi realizada com oito alunos do 6º ano. Essa unidade de ensino se localiza no bairro Antonio Honório, no município de Vitória/ES. A realidade dessa escola é bem diferente da primeira realidade observada. O público atendido é de classe média baixa, com alguns alunos em situação de risco social. A escola conta com duas turmas de 6º ano, uma boa infraestrutura e equipe de profissionais completa.

Os alunos escolhidos nas duas escolas possuem faixa etária entre 10 e 12 anos e foram selecionados de acordo com a variedade do ritmo de desenvolvimento cognitivo narrados pelas pedagogas das unidades.

Para realizar as entrevistas, fizemos uso de um aparelho celular com função de gravador de voz, um diário de bordo para anotações complementares e uma lista de perguntas e questionamentos a serem realizadas. Contamos com a colaboração e orientação da equipe pedagógica e da direção das escolas.

O estudo foi composto por uma entrevista semiestruturada com os educandos e a educadora tratando do tema do processo de adaptação dos alunos entre os ciclos iniciais e os ciclos finais do Ensino Fundamental.

Para alcançar nosso objetivo, fizemos uma breve observação de uma aula em cada escola e, em seguida, reunimos separadamente alguns alunos previamente selecionados e indicados para dar prosseguimento com as entrevistas. Uma lista de oito perguntas foram repassadas aos alunos.

Após a realização das entrevistas, nos dedicamos a metodologia quantitativa. Buscamos o uso dos dados quantitativos pois a combinação deste tipo de dados com dados oriundos de metodologias qualitativas, podem vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos, processos (GATTI, 2004). Apesar de pontual, essa análise nos deu algumas ratificações aos depoimentos dados pelos alunos quanto ao processo transitório entre os ciclos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Através das respostas e dos dados obtidos nesse processo e dos dados analisados, pudemos nos aproximar da resolução da problemática proposta neste presente trabalho: as práticas pedagógicas curriculares, desenvolvidas no contexto escolar, interferem nos

processos de adaptação, implicando em êxito ou fracasso, dos estudantes em transição do 5º para o 6º ano?

A partir das narrativas dos educandos e da professora entrevistada, bem como da análise de dados realizada, foi possível chegar a alguns resultados e discussões, que serão descritos a seguir.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados e discussões propostas nesse tópico, são resultantes de observações, entrevistas e de conteúdos obtidos no Sistema de Gestão Escolar, nesse caso, da escola pública pesquisada.

Optamos por organizar os dados e as discussões a partir de duas categorias de análises, considerando os objetivos e problema propostos para essa pesquisa, quais sejam: *Quanto às práticas pedagógicas curriculares e os processos de adaptação dos estudantes; Quanto aos índices de fracasso escolar no processo de transição do 5º ao 6º ano.*

a) *Quanto às práticas pedagógicas curriculares e os processos de adaptação dos estudantes;*

A observação e a pesquisa sobre a temática do presente artigo foi realizada no cotidiano escolar de uma escola da rede privada de ensino e uma escola municipal de ensino fundamental da rede pública de ensino. Através de uma entrevista realizada com alunos dos sextos anos das referidas escolas, observamos e pontuamos alguns desafios e possibilidade que permeiam o processo educativo nesta fase transitória.

Questionados sobre os sobre as mudanças negativas sentidas entre a transição dos anos iniciais e os anos finais do ensino fundamental, os principais questionamentos dos educandos se fixaram quanto a mudança drástica de rotina. A divisão de horários, a rotatividade de professores e a diminuição no tempo das aulas para cada disciplina foi um dos principais problemas apontados durante a entrevista.

Entre os alunos 8 entrevistados, 6 deles afirmaram possuir dificuldade em copiar o que é exposto no quadro em um período de 50 minutos, bem como de realizar as avaliações dentro desse mesmo limite de tempo. Os alunos afirmam que esse aspecto prejudica o rendimento quanto aos resultados das avaliações.

Uma segunda problemática que é lançada é quanto ao relacionamento entre professor-aluno na mudança de etapa. Para os alunos, existia uma proximidade maior e uma liberdade de fala mais significativa durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, do que há no 6º ano. O distanciamento entre professores e alunos e a falta uma atenção mais direcionada, causa timidez para a realização de perguntas durante as aulas, bem como uma falta de identificação com a nova realidade escolar.

Ainda questionados sobre as mudanças sentidas, os alunos afirmam que a dependência em relação ao professor desenvolvida durante os anos iniciais também é um obstáculo ao sucesso no 6º ano. Entre os entrevistados, cinco deles afirmaram não ter costume de anotar comunicações dos professores nas agendas, uma vez que anteriormente isso era papel atribuído ao professor regente. A falta de autonomia é apontada pelos alunos como um dos fatores que levam ao baixo rendimento.

Questionados sobre o conteúdo, oito, dos oito entrevistados consideram que o nível de dificuldade no 6º ano aumentou. Os conteúdos se mostram mais complexos e a avaliação, na visão dos entrevistados, é mais rigorosa.

Segundo os alunos, alguns conteúdos são muito difíceis e dão a impressão de que eles não estão preparados para desenvolver.

Ainda sobre as mudanças sentidas pelos estudantes, uma mudança bastante significativa está no turno em que estudavam e passaram a estudar nesse ano. A transição entre o vespertino e o matutino foi bastante difícil. Segundo os alunos, acordar cedo é desmotivador, e atrapalha o aprendizado. Apesar disso, alguns viram de forma positiva a quantidade de horas livre que foram adquiridas em suas tardes.

É possível notar que as práticas pedagógicas adotadas nos anos iniciais e nos anos finais possuem diferenças bastante alarmantes. Quando questionados, os alunos afirmam que deviam ser mais bem preparados para ingressarem nas transformações dos anos finais

do Ensino Fundamental. Para eles, é importante que haja um período de adaptação, uma vez que o 1º trimestre foi uma etapa de grandes obstáculos que causaram a queda de rendimento na turma em geral.

As entrevistas realizadas na escola da rede privada convergem para opiniões bastante parecidas. Os alunos afirmam que a falta de autonomia vivida no 5º ano é uma dificuldade grande no processo de adaptação. Segundo eles, em eventos e projetos principalmente, a professora ficava a cargo da maior parte dos trabalhos. As agendas e comunicados para os pais eram obrigatoriamente colados pela professora em suas agendas, de forma que os entrevistados afirmaram não terem o hábito de fazer uso dela por conta própria.

A professora Celia, que atua nos dois ciclos do ensino fundamental, afirma que a queda de resultados no 6º ano é significativa na escola. Os alunos sofrem com a adaptação do currículo, dos conteúdos e da nova rotina. Pela narrativa da professora, durante o 5º ano ela realiza a correção de cadernos e livros de cada aluno individualmente, apesar de realizar a correção de todas as atividades no quadro. Dessa forma, os alunos chegam ao 6º ano com costume de escrever errado esperando uma segunda correção do professor, fato que é extremamente prejudicial especialmente nos conteúdos de língua portuguesa.

Apesar desses obstáculos, a escola tenta amenizar o período transitório a partir de algumas medidas e estratégias. Segunda a professora, no 5º ano ela começa a exigir o uso de caneta esferográfica para a realização de cópia de atividades expostas no quadro. A escola realiza um simulado no 3º trimestre do 5º ano para acostumar os alunos a essa nova forma de avaliação utilizada nos anos finais do Ensino Fundamental. E ainda, a escola realiza uma “aula-show”, em que os alunos do 5º ano são convidados a vivenciarem um dia de 6º ano, com os professores da nova etapa e no horário regular da nova turma. Para os alunos, essa prática é positiva, mas deveria ser estendida para pelo menos uma semana, visando a adaptação menos conturbada.

b) Quanto aos índices de fracasso escolar no processo de transição do 5º ao 6º ano.

Através de coleta de dados realizada no sistema de gestão educacional e pedagógica da EMEF Cirandinha, iniciamos a nossa discussão com um comparativo simples dos

resultados dos alunos durante o primeiro e segundo trimestres de 2017, em relação ao desempenho da mesma turma em 2018. Os dados nos foram disponibilizados pelo diretor da unidade, e não contam com os resultados de terceiro trimestre devido ao não fechamento dos resultados nessa etapa, no período coletado.

Cabe destacar que as turmas são divididas e totalizavam 34 alunos no 5º ano, sendo 31 no 6º ano. Os resultados acompanham o desenvolvimento da mesma turma no ano final do Ensino Fundamental I e no ano inicial do Ensino Fundamental II. Optamos pela apresentação de um único gráfico devido ao processo de movimentação e transferência dos alunos entre as turmas. De modo geral, a turma se manteve a mesma entre 2017 e 2018.

5º ANO – 2017 – 1º Trimestre

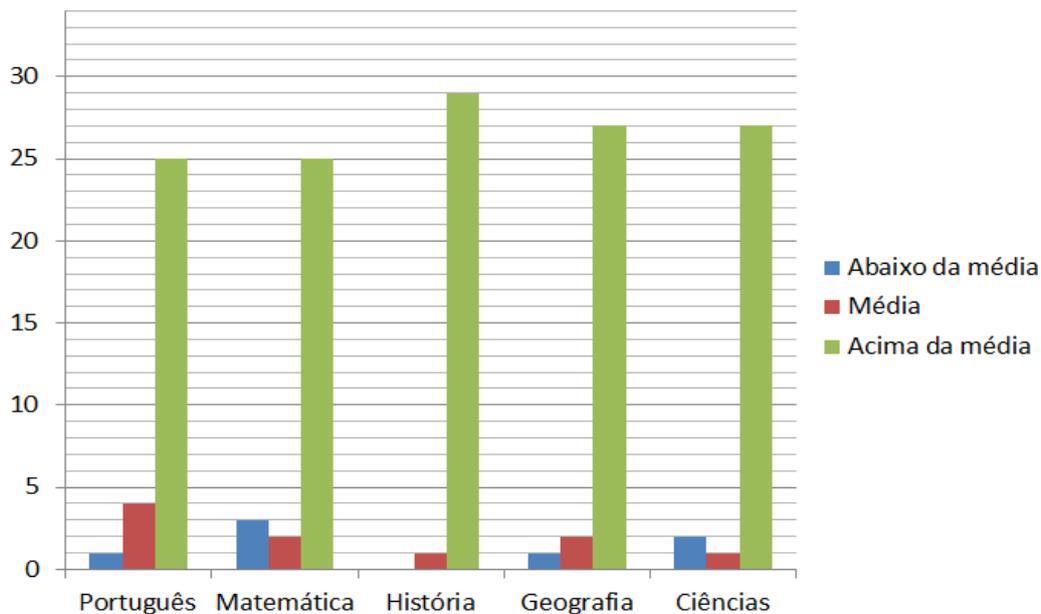


Gráfico de desempenho dos alunos de 5º ano no 1º trimestre do ano de 2017.

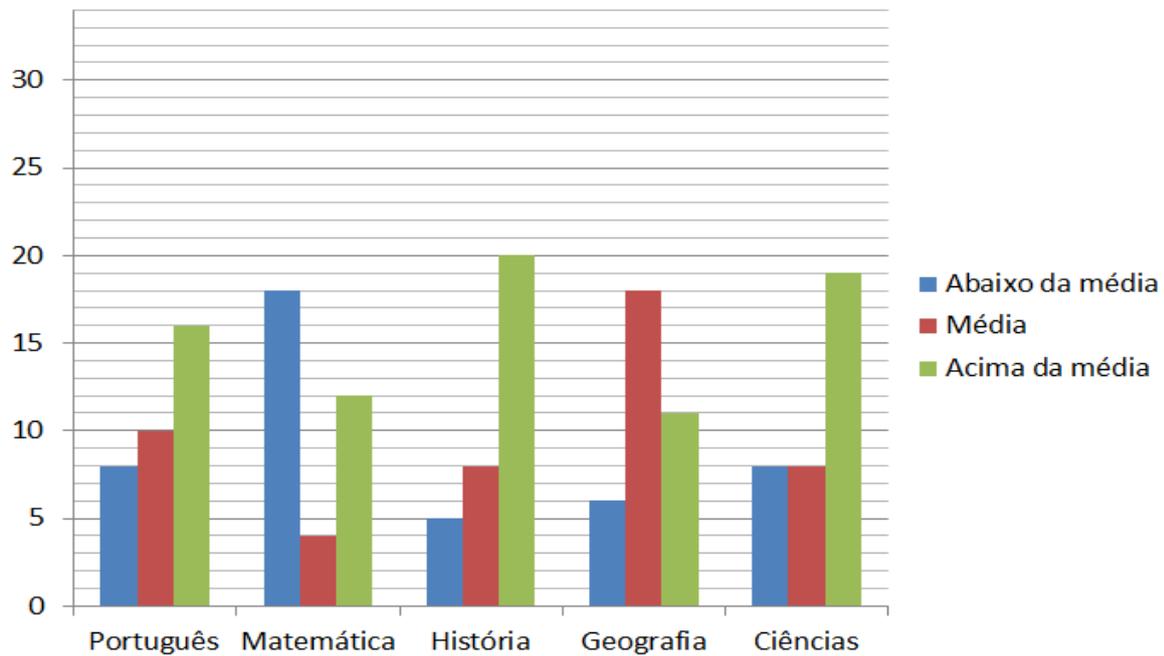
6º ANO – 2018 - 1º Trimestre

Gráfico de desempenho dos alunos das turmas de 6º ano no 1º trimestre do ano de 2018.

Realizando uma análise preliminar dos dados obtidos, perceberemos uma queda significativa no rendimento dos alunos das turmas analisadas em relação as notas alcançadas no período transitório. O 1º trimestre, etapa da imediata adaptação do estudante diante da nova realidade escolar, é marcado por uma brusca queda de notas nas avaliações realizadas.

Essa situação sofre uma sensível melhora no decorrer do 2º trimestre, como observamos nos gráficos seguintes:

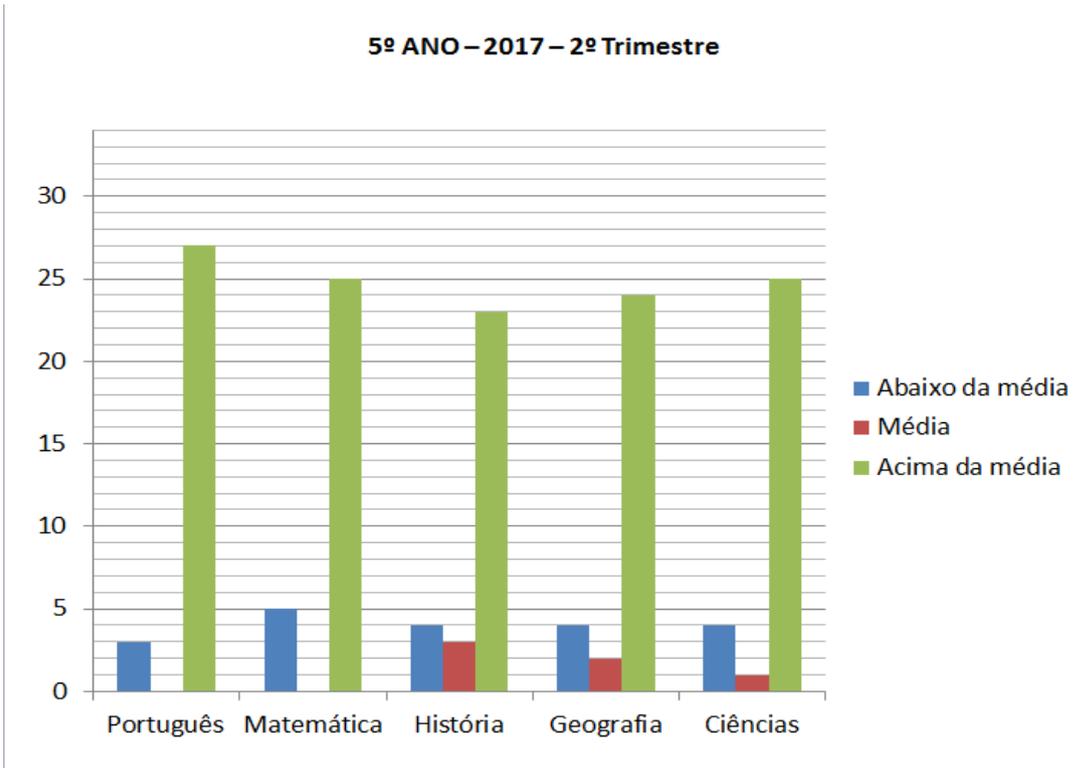


Gráfico de desempenho dos alunos de 5º ano no 2º trimestre do ano de 2017.

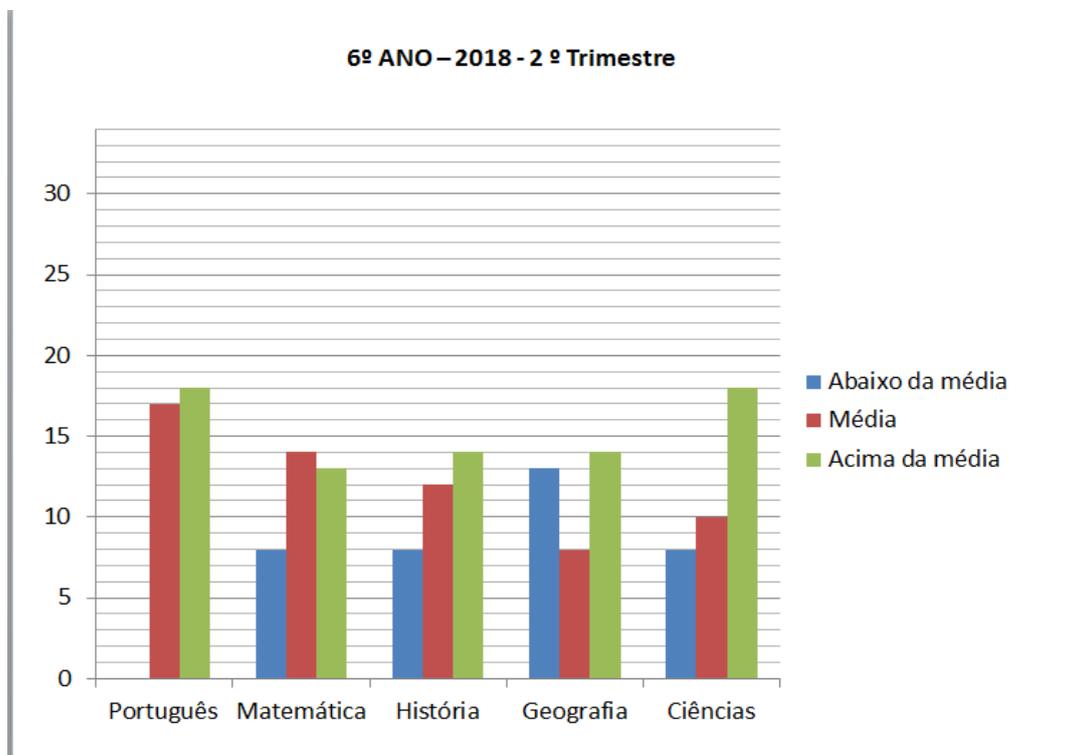


Gráfico de desempenho dos alunos das turmas de 6º ano no 2º trimestre do ano de 2018.

Os dados de rendimento nos remetem a uma análise dos fatores que foram determinantes para drástica queda nos resultados obtidos do 5º para o 6º ano. Esses fatores são elencados pelos próprios alunos quando analisamos as entrevistas realizadas junto as turmas.

Percebemos, dessa forma, que as práticas o cotidiano e o currículo atuam diretamente no processo de transição entre os anos iniciais e os anos finais do ensino fundamental. As práticas pedagógicas, ainda que estejam caminhando para atingir uma transição menos conturbada, ainda levam o aluno a uma conturbada adaptação, especialmente no primeiro trimestre do novo ciclo. Sendo assim, vale ressaltar a importância da argumentação caracterizada por Dias da Silva:

Quinta série é passagem. Porém, passagem sem rito... Parece que há apenas alertas sobre a transição, mas não há qualquer preparação prévia – quer para alunos, quer para professores. Passagem que se desnuda nos diferentes saberes e fazeres implicados no cotidiano de professoras “primárias” e “secundárias”, da 4ª e da 5ª séries. Passagem sem ponte. Mais ruptura que continuidade... (1997, p. 126).

Diante de todos os aspectos elencados sobre o tema leva a proposição do entendimento do momento vivido pelo aluno, o repensar do processo do ensinar. Realizar as devidas adaptações e articulações necessárias com um olhar pedagógico diferenciado e respeitando o processo de transição certamente evitaremos uma ruptura nesse processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização de pesquisas quantitativas e qualitativas percebemos, pelo presente trabalho, que o período de transição entre os anos iniciais e os anos finais do Ensino Fundamental representa um período de grandes obstáculos para o aluno no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. A mudança de rotina, de métodos, e o aprofundamento de conteúdos, resultam em uma queda de rendimento perceptível entre os alunos de 6º ano.

Esses obstáculos só passam a ser superados após o primeiro momento de transição, quando os alunos se familiarizam com as novas rotinas e passam a exercitar novas práticas. Apesar disso, muitos são prejudicados pelo baixo rendimento no período em que chegam ao novo ciclo.

Cabe, portanto, a ciência da educação, repensar o modelo adotado entre essas duas importantes etapas no Ensino Fundamental, objetivando uma transição mais tranquila que resulte em um maior aproveitamento por parte do educando.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mariza. Investigação sobre a transição dos alunos do ensino fundamental I para o ensino fundamental II. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Londrina, 2011.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível no link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 15 de setembro de 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Sandra Regina. Se está no livro de história é verdade: as ideias dos alunos sobre os manuais escolares de História no Ensino fundamental. 2013. Disponível em: <<http://www.rioeoi.org/deloslectores/4383Cainelli.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

DIAS DA SILVA, Maria Helena Galvão Frem. Passagem sem rito: as cinco séries e seus professores. Campinas. SP: Papyrus, 1997.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, Campinas, n. 115, p. 139-154, jul. 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2011.

GATTI, Bernadette A. Estudos quantitativos em educação. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 2004.

MEC/INEP. EdudataBrasil. Sistema de consulta. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 15/09/2018.

MELIN, Lucimara. A transição para o ensino fundamental II: motivação para a matemática em relação com o contexto social percebido. / Lucimara Melin. – Londrina, 2013.

PEREIRA, Chaiane; PEREIRA, Inajara; TORQUATO, Alba Jane de Oliveira. A ludicidade na interpretação e produção textual nas transformações vividas pelos educandos do colégio municipal Maria Luiza de Melo, no período de transição da 4ª para a 5ª série. Trabalho Acadêmico. Universidade do Estado de Santa Catarina: Santa Catarina, 2005.

QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana Carvalho de. Articulação entre educação infantil e anos iniciais: o direito à infância na escola! In: FLÔR, Dalânea Cristina; DURLI, Zenilde. Educação Infantil e Formação de Professores. Florianópolis: da Ufsc, 2012. p. 256.

SANTOS, Maurício Pastor e GISI, Maria Lourdes. A (des)articulação do ensino fundamental e a formação dos professores. Rev. Bras. Estud. Pedagog., 2017.

SANTOS, Rony Alex Libório dos. As possíveis relações entre a adaptação discente dos alunos do 6º ano e o fracasso escolar. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2016.

SARAGOÇA, J., Neto, A., Pomar, C., & Candeias, A. (2011, Agosto). Efeitos das transições escolares no rendimento acadêmico: Os capitais econômico, cultural e social como fatores explicativos, num estudo longitudinal interdisciplinar com alunos portugueses. Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)Igualdades, Salvador, Brasil.

SAVIANI, D. Escola e democracia. 38. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SILVA, Maria dos Anjos Grangeiro da. Transição de 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental: desafios para a escola pública paranaense. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. Paraná, 2014.